

Arte literária × suporte pedagógico: as contribuições da literatura infantil na descoberta de mundo da criança

Literary art × pedagogical support: contributions of children's literature in the discovery of the child's world

André Luiz Pancotto é pedagogo, formado em Letras (Português/Literatura), especialista em Literatura: Teoria e Crítica Literária e professor da rede municipal de Caieiras (SP).

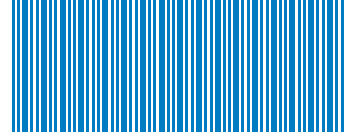
Contato: andre.pancotto@gmail.com

Resumo

O presente artigo versa sobre o impasse que envolve a Literatura Infantil: arte ou suporte pedagógico? Através de uma reflexão sobre o gênero, este estudo procura apontar caminhos para uma melhora na qualidade do trabalho destinado à leitura, desde a escolha das obras que serão oferecidas aos alunos até suas implicações no desenvolvimento intelectual e emocional das crianças. Este estudo visa promover, portanto, um debate sobre a importância da Literatura Infantil na construção da subjetividade da criança e na atribuição de significados para o mundo, o que culminaria com a formação de leitores competentes, autônomos e preparados para a vida. Palavras-chave: literatura infantil; educação; leitura; didática; pedagogia.

Abstract

This paper discusses the deadlock involving Children's Literature: art or pedagogical support? Through a reflection on gender, the study tries to point out paths to an improvement in the quality of work on reading, from



the choice of literary works offered to students to their implications on intellectual and emotional development of children. This study aims to promote, thus, a discussion on the importance of Children's Literature in the construction of subjectivity and on the child's attribution of meaning to the world, which would culminate in the formation of competent, autonomous and prepared-for-life readers.

Keywords: children's literature; education; reading; didactic; pedagogy.

Introdução

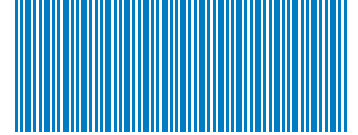
Frequentemente se encontra, no meio acadêmico e educacional, um grande impasse quando o tema é Literatura Infantil. De um lado, o campo das Letras involuntariamente reivindica o *status* artístico ao gênero. De outro, o sistema educacional o emprega exhaustivamente como recurso didático exemplar para a transmissão de conteúdos e conhecimentos.

Em meio ao embate, levantam-se questões diretivas acerca da importância da literatura infantil para a construção da subjetividade da criança e de sua incessante busca pela atribuição de significados e sentidos para a vida.

Assim, este estudo objetiva apontar o caráter existencial da literatura infantil frente a descoberta de mundo da criança, através da manipulação estético-verbal e polifônica, o que também culmina na descoberta de si mesma, de sua interioridade, reconhecendo-se como ser dotado de sentimentos e emoções, que podem ser expressos artisticamente de forma verbal.

Objetiva, ainda, propor uma reflexão acerca da literariedade das obras apresentadas às crianças e da necessidade de atenção no desenvolvimento das propostas pedagógicas no interior das escolas, privilegiando a relação de interdependência existente entre os dois campos e garantindo a qualidade ao atendimento dos alunos, formando-os leitores competentes e autônomos.

Sabe-se que o ambiente privilegiado ao qual a criança entra em contato com a literatura é o escolar, através das leituras que ouve ou dos livros que folheia antes mesmo de aprender a lê-los convencionalmente. Sabe-se, também, que nas escolas, o que se busca, entre outros objetivos, é a apreensão da leitura correta.



Contudo, o que se esquece, é que para tal aprendizagem a leitura não precisa ser tida como desmotivadora para a criança, ao contrário, deve dar prazer. Dessa forma, convém destacar a importância de um bom trabalho direcionado à leitura dentro do sistema educacional que se relaciona intimamente ao sistema literário.

Dividido em três partes, este artigo disserta, na primeira parte (Arte Literária × Suporte Pedagógico), sobre as implicações que o adjetivo “infantil” do gênero ocasiona na sua classificação. Na segunda seção (Da escola para a vida: a Literatura Infantil e suas implicações), é desenvolvida toda a questão sobre a importância da literatura infantil e seu valor estético-literário para a construção da subjetividade da criança. A terceira (Literatura e Ideologia), versa sobre o caráter ideológico das escolhas de obras e suas implicações, concluindo o estudo com as Considerações Finais.

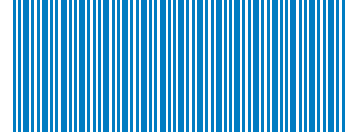
Para fundamentar estas reflexões, o texto se baseia nos pensamentos e pesquisas de profissionais como Bruno Bettelheim, Nelly Novaes Coelho, Lígia Cademartori, Regina Zilberman entre outros. Estudiosos estes que primeiro se inquietaram com a condução do trabalho desenvolvido com a literatura infantil nas escolas.

Assim, de Bruno Bettelheim (2008) este estudo empresta as considerações sobre o desenvolvimento e a construção da subjetividade infantil através da relação estabelecida entre leitor e obra, sobretudo com os contos de fadas tradicionais. Em Nelly Novaes Coelho (2010), Lígia Cademartori (2010) e Regina Zilberman (1981), encontra-se o suporte necessário para a reflexão sobre o trabalho com o gênero e suas implicações na formação de leitores competentes, autônomos e motivados pelo prazer de uma boa leitura.

1. Arte Literária × Suporte Pedagógico

Ao acompanhar o curso da história, constata-se, sem grande esforço, que a criança vem conquistando vertiginosamente o seu espaço no mundo. Hoje, se considera até o surgimento de uma “cultura da infância”, o que pressupõe a existência de um ser dotado de conhecimentos, sentimentos e desejos, capazes de produzir essa cultura.

O progresso acadêmico, com inúmeros estudiosos da infância,



veio alertar que as crianças são possuidoras de voz, e que precisam ser ouvidas. Tal ascensão concedida à criança conduz a inúmeras reflexões acerca do atendimento pedagógico-cultural destinado aos pequenos, o que inclui o alvo de discussão deste estudo: a Literatura Infantil.

Literatura Infantil seria toda a produção literária, composta em verso e prosa, trabalhada artisticamente, voltada a um público peculiar e tão exigente quanto o adulto, porque dotado de inteligência, curiosidades e sentimentos, sedentos de conhecer o mundo – conhecimento este que a literatura pode oferecer prazerosamente.

A Literatura Infantil vem sendo alvo de um constante debate ainda sem definição: a quem ela pertence? Ao campo das Letras ou da Educação? Muitos estudiosos trataram dessas questões, mas o fato é que, talvez, os profissionais ainda não saibam utilizar o que ela pode apresentar e apresenta em sua essência.

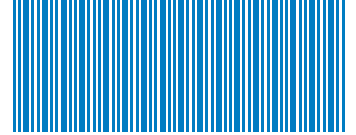
Lígia Cademartori (2010), inicia sua reflexão afirmando que a literatura infantil “[...] é um gênero situado em dois sistemas. No sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe à escola assumir e realizar” (p. 13).

Para o “sistema literário”, a literatura infantil é tida como um gênero menor, por se ocupar do universo de um público igualmente inferiorizado (e não inferior), no sentido de não ter voz – portanto, não digno da mesma atenção destinada à literatura adulta –, enquanto que para o “sistema da educação”, sua importância advém do fato de auxiliar na formação do aluno, o que descarta o caráter estético e artístico valorizado na literatura geral.

Nas palavras de Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira (2006, p. 9), “desde os primórdios, a literatura infantil surge como uma forma literária menor, atrelada à função utilitário-pedagógica que a faz ser mais pedagogia do que literatura”.

Outro estudioso preocupado com a questão da qualidade do ensino da literatura infantil, e que vem acrescentar/reforçar o embate sobre a pertença do gênero, é João Luís C. T. Ceccantini (2004). Ao analisar um artigo de Maria do Rosário Longo Mortatti (1999), afirma que nesse texto, ela aponta a:

[...] fragilidade teórica de se tentar restringir o estudo da literatura infantil ao campo das Letras, onde, em nome da adequação dos métodos para a abordagem da identidade especificamente literária dos textos de literatura



infantil, seriam pura e simplesmente desconsideradas as questões relativas ao qualificativo infantil; também não vê sentido no enfoque exclusivista do campo da Educação, que, no afã de enfatizar as possibilidades de aplicação do objeto no processo de ensino-aprendizagem escolar, prioriza as questões ligadas ao qualificativo infantil dessa literatura e sua condição de instrumento agradável para o ensino útil, na grande maioria dos casos secundarizando-se e mesmo desconsiderando-se as discussões acerca da literariedade e esteticidade (CECCANTINI, 2004, p. 23).

O trecho acima apresenta a literatura infantil em duas faces interligadas – e, nesse caso, dependentes. Dependentes porque, enquanto Literatura, há a tendência em se analisar literária e esteticamente as obras, apontando o que acrescentam social, cultural e artisticamente na construção da subjetividade do leitor. A Literatura mostra a ludicidade da obra ao focalizar a construção semântica e a sensação que causa no interlocutor a mensagem transmitida pelo autor através do concreto de seu texto.

Cabe acrescentar que tal ponto de vista não precisa excluir, via de regra, o universo infantil, haja vista que já foi comprovada a capacidade da criança em se divertir com o jogo sonoro dos poemas, provocados pelas intervenções artísticas dos autores, bem como se descobrir através do contato estabelecido entre leitor e personagens, ainda que tal contato seja intermediado pelos adultos, na fase pré-leitura autônoma.

Já a Educação se utiliza das obras literárias objetivando a transmissão de valores morais que os textos podem oferecer, o que também não significa que tal ação tenha que ter um fim em si mesma. A Educação também pode apresentar ao leitor todo o universo poético do qual a Literatura sobrevive. Daí a relação de dependência entre Literatura e Educação, sobretudo no que se refere à Literatura Infantil, o que promove uma alteração do foco: talvez o que se deva questionar seja como unir qualitativamente, no trabalho didático, a Literatura e a Educação, uma vez que ambas são fomentadoras de cultura, seja ela infantil ou geral.

2. Da escola para a vida: a Literatura Infantil e suas implicações

Para uma boa parcela das crianças brasileiras, talvez a maioria delas, o primeiro contato com a literatura ocorre na escola, com as leituras e contações de histórias protagonizadas pelos professores. É o momento em que ela inicia o processo de compreensão da realidade através do diálogo que estabelece com o imaginário, seja dos contos de fadas ou não.



Dotadas naturalmente de uma curiosidade exemplar pelos mistérios da vida, as crianças anseiam pela busca de respostas e significados para o que presenciam, para o que sentem. Contudo, “[...] a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida” (BETTELHEIM, 2008, p. 11), o que potencializa a responsabilidade dos que convivem com os pequenos.

Nessa busca de significados para a vida, a parceria estabelecida com outras vozes se faz fundamental, e nessa parceria encontra-se a literatura – capaz de (re)significar o real através do imaginário, atribuindo significados, conduzindo as crianças ao encontro do sentido da existência.

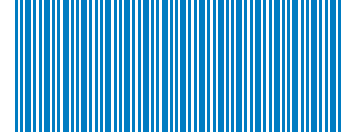
Em consonância com tal pensamento, Lígia Cademartori (2010), afirma que:

O entrecruzamento dessas duas vozes, juntamente a outras a que o texto pode dar espaço, não traria o caos, a dificuldade de compreensão, mas uma abertura para que muitas vozes se organizem – sufocando o discurso pedagógico persuasivo – e permitindo unidade na diversidade. No intercâmbio de palavras formam-se as respostas e o homem pode encontrar o outro [...] O monólogo não dá margem a questões. Pretende uma única resposta (p. 25).

Tal excerto conduz à reflexão sobre a proposta pedagógica do ensino literário nas escolas da primeira infância, e sobre qual o valor real conferido à leitura literária no desenvolvimento intelectual dos alunos. Até que ponto a literatura infantil é considerada artisticamente e utilizada como aliada ao desenvolvimento integral do aluno? Ou seria ela reduzida a mero suporte pedagógico, monológica, de modo a transmitir valores moralizantes preestabelecidos e dominantes/dominadores?

Ao se considerar a existência de uma cultura da infância, não cabe mais a seleção de livros que não (co)respondam às expectativas da infância. Livros comerciais que são escritos para se enquadrar nos temas transversais, desprovidos de literariedade, culminam no afastamento da criança ao prazer pela leitura, uma vez que são textos selecionados com fins estritamente didáticos.

Trata-se de uma literatura utilizada como pretexto “[...] para a criança aprender determinado conteúdo, transmitir informações ou desenvolver determinado valor em vez de potencializar práticas de leitura literária e sensibilização estética” (BAPTISTA, 2010, p. 9).



Nas palavras de Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira (2006), o pensamento infantil é aquele que:

[...] está sintonizado com esse pulsar pelas vias do imaginário. E é justamente nisso que os projetos mais arrojados de literatura infantil investem, não escamoteando o literário, nem o facilitando, mas enfrentando sua qualidade artística e oferecendo os melhores produtos possíveis ao repertório infantil (p. 11).

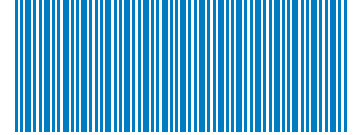
De acordo com especialistas contemporâneos, que se ocupam da proposta de elevação qualitativa da leitura no sistema educacional, há que se promover, no cotidiano das práticas educacionais, a valorização textual em seu sentido amplo. A promoção de situações que garantam a manipulação de textos literários bem selecionados, conversas sobre as leituras, dando voz ao aluno, e liberdade para interpretações diversas, podem aproximar os pequenos do hábito da leitura.

Essa prática pedagógica acaba por promover a fruição e ampliação das referências estéticas, culturais e éticas das crianças de forma natural, sem a necessidade de modelos pedagogizantes que afastam os alunos dos livros. Segundo Mônica Correia Baptista (2010, p. 8), é preciso libertar a literatura infantil de uma cultura escolar que “[...] frequentemente a considera como um instrumento pedagógico e não como literatura que possui um valor em si mesma: que é fonte de prazer e de experiências estéticas”.

Para Cademartori (2010), a grande tensão existente entre a literatura e a educação está na forma como ambas apresentam o mundo à criança. O saber literário diz: “apresento o mundo assim”; enquanto o ideal da pedagogia diz: “o mundo deveria ser assim”. Para a autora, “[...] tal tensão é o grande desafio da obra destinada ao público infantil que, não solucionado, muitas vezes, abala o seu próprio estatuto literário” (p. 24).

Bettelheim (2008), reforça a importância do caráter artístico da literatura no trabalho pedagógico para o desenvolvimento infantil ao afirmar que:

Explicar para uma criança por que um conto de fadas é tão cativante para ela destrói, acima de tudo, o encantamento da estória, que depende, em grau considerável, da criança não saber absolutamente por que está maravilhada. [...] As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da estória, enfrentou com êxito uma situação difícil (p. 27).



Do contrário, as instituições educacionais simplificam os conflitos infantis e subestimam a capacidade da criança de lidar com a realidade, além de contribuir no aumento da distância entre “[...] a educação formal e a literatura como processo estético que tem como característica fundamental a perplexidade do ser humano frente à vida.” (BAPTISTA, 2010, p. 9).

A literatura, antes de tudo, é arte e, quando privilegiada em sua essência, oferece a troca, o intercâmbio polifônico do qual a criança se vale para a busca de si mesma e do mundo. Na arte literária, há a liberdade de ensinar e aprender, de experienciar e apreender o real através de cada modulação que a leitura faz descobrir por entre o traçado do texto.

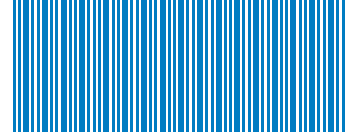
A literatura enquanto arte, promove o ensinar breve e fugaz que se concretiza no fluir do texto, sem pretensões de ter a palavra final. “Mais do que falar e preencher, o texto ouve e silencia, para que a voz do seu parceiro, o leitor, possa ocupar espaços e ensinar também”. (PALO & OLIVEIRA, 2006, p. 14).

Assim, pode-se pensar numa ausência de liberdade literária nas propostas pedagógicas quando excluem e silenciam a voz do aluno, forçados que são a repetirem os discursos esperados – monológicos – pelos professores, que impedem o livre fluxo de ideias provenientes de um bom texto. Ao identificar tal problemática, e agir contra esse impedimento, a escola redescobre “[...] o verdadeiro sentido de uma ação pedagógica que é mais do que ensinar o pouco que se sabe, [mas] estar de prontidão para aprender a vastidão daquilo que não se sabe” (PALO & OLIVEIRA, 2006, p. 14), e a arte literária é um dos caminhos para esse aprendizado.

Em referência ao valor literário e sua influência no desenvolvimento infantil, Nelly Novaes Coelho (2000) alerta para a importância da orientação a ser dada às crianças, para que elas consigam estabelecer:

[...] relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que elas estão descobrindo dia a dia e onde elas precisam aprender a se situar com segurança, para nele poder agir (p. 51).

É papel da escola, portanto, oportunizar ao aluno momentos de reflexão sobre as complexidades da vida real, para que ele saia da instituição e ganhe o mundo preparado para encará-lo em todas as suas instâncias – vitórias e frustrações. Encarar a vida em sua plenitude é a melhor forma para se atingir tal complexidade.



Regina Zilberman (1981) afirma que compete ao professor a tarefa de contribuir para a compreensão e decifração da obra literária, dando voz ao aluno, para que ele possa expressar a percepção que teve ao apreender os temas e seres humanos presentes nos textos, que afloram em meio à trama que se desenrola durante a leitura.

Segundo a autora, o processo pedagógico-literário fornecerá subsídios à criança para que, por si só, seja capaz de ver o mundo, lê-lo e interpretá-lo. Afirma, ainda, que a função do professor não se reduz ao ensino da leitura correta, posto que ainda é sua tarefa propiciar ao aluno o “[...] emergir do deciframento e compreensão do texto através do estímulo à verbalização da leitura procedida, auxiliando-o na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio à trama ficcional” (1981, p. 25).

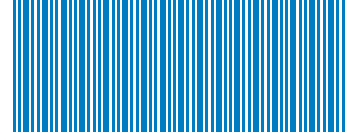
Assim, desenvolver o hábito de leitura é também contribuir com o desenvolvimento de crianças capazes de atingir a idade adulta de maneira saudável e enriquecida. À medida que se capacita para a leitura, e desenvolve-se o hábito de ler, “[...] a criança se torna mais forte e menos manipulável, e, portanto, mais independente”. (GONÇALVES; AQUINO & SILVA., 2000, p. 20).

3. Literatura e Ideologia

Já foi bastante difundida acadêmica e historicamente a inexistência de qualquer manifestação política ou cultural desprovida de ideologias. Esse fator fundamenta a assertiva de que tanto no sistema educacional quanto no literário, todas as produções e planejamentos armazenam, intrinsecamente, elementos ideológicos.

Ao se refletir sobre a educação de uma criança, toda a construção ideológica do adulto se potencializa e se materializa, por vezes de maneira inconsciente, na transmissão de conhecimentos que este julga ser o mais adequado ao menor. Essa ação é facilmente identificada no sistema educacional, com propostas pedagógicas que visam a formação de indivíduos dotados uniformemente de características que (sob a perspectiva adulta) promoverão uma satisfatória inserção no mercado de trabalho.

A produção literária destinada à infância, muitas vezes, acaba por aderir a este formato de educação. Sendo uma produção do



adulto dirigida à criança, recorre facilmente à proposta didática, pois esse é o papel tradicionalmente assumido pelo ser mais velho em relação ao mais jovem, manifestando a ideia dos mais velhos sobre o que as crianças devem ser e pensar.

Assim, o adulto, como detentor do saber, recai na tentação de transmitir esse conhecimento e às vezes ignora a natureza da criança. “Ignora ainda que literatura infantil tem que ser, em primeiro lugar, literatura, o que não exclui a presença inevitável de elementos ideológicos, desde que ocupem o lugar que lhes cabe”. (GONÇALVES; AQUINO & SILVA, 2000, p. 17).

Ao se assumir como literatura, os textos adquirem um valor literário que os elevam ao patamar artístico e os torna permanentes, uma vez que auxiliam no desenvolvimento humano. Segundo Cecília Meireles (1984), a literatura vale como expressão estética sem a preocupação de ser moral e moralizante, embora constituídas de elementos ideológicos.

Para Regina Zilberman (1981), os cuidados na seleção de boas obras literárias, portanto, necessitam se intensificar na proposta pedagógica, de modo a estabelecer critérios de valor aos textos, reconhecendo que a literatura infantil não pode ser desprestigiada como algo menor por se destinar a crianças.

Os elementos ideológicos da literatura se limitam na formação sociocultural do autor e em sua consciência de mundo, que os transfere inerentemente ao texto. Contudo, a literariedade da obra permite a liberdade de interpretações que muitas vezes a escola não aceita e acaba por selecionar títulos que visam antes a transmissão de conteúdos – portanto direcionáveis – do que as construções estéticas dos quais são construídos. A opção por discursos revestidos de autoritarismos presentes sob a forma pedagógica e moralista tende a reduzir a literatura a suporte pedagógico, a recurso didático.

Desse modo, Nelly Novaes Coelho (2000) alerta para a importância no ato da seleção de livros que serão disponibilizados às crianças. Em seus estudos, constata que na maioria dos livros publicados, predomina a gratuidade (com enredos simplistas, tolos, fragmentados e sem sentido) ou “[...] são obras sobrecarregadas de informações corretíssimas, mas que, despidas de fantasia e imaginação, em lugar de atrair o jovem leitor o afugenta” (p. 48).

Coelho acrescenta, ainda, que o “[...] ludismo (ou o descompromisso em relação ao pragmatismo ético-social) é o que alimenta o literário e procura transformar a literatura na aventura



espiritual que toda verdadeira criação literária deve ser” (p. 47, grifo do autor).

A seleção de obras, portanto, como qualquer ação seletora, armazena uma série de elementos ideológicos que devem ser conscientemente refletidos, considerando toda a gama de possibilidades que uma boa obra literária pode oferecer tanto ao desenvolvimento (enquanto construção/manutenção da subjetividade da criança), quanto ao prazer gratuito da leitura.

Cademartori (2010), em referência à seleção de obras, destaca a importância de se conhecer e respeitar o público a cuja obra será destinada, reconhecendo as características e necessidades do grupo que receberá os livros.

Para a autora:

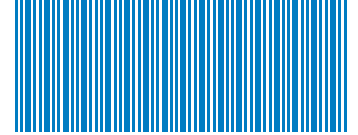
As obras infantis que respeitam seu público são aquelas cujos textos tem potencial para permitir ao leitor infantil possibilidade ampla de atribuição de sentidos àquilo que vê. A literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, em lugar de deixá-la cerceada pelas intenções do autor, em livros usados como transporte de intenções diversas, entre elas o que se passou a chamar de “politicamente correto”, a nova face do interesse pedagógico, que quer se sobrepor ao literário (CADEMARTORI, 2000, p. 17).

Um trabalho bem realizado liberta e dá voz à criança para que ela também possa elaborar a sua lista preferida, selecionando autonomamente as obras que a provoque, que a estimule, que a auxilie na atribuição de significados para a vida. Obras com as quais sinta prazer por aprender a conhecer o real e descobrir a si mesma através do simbólico, do lúdico, da imaginação, tão cara a qualquer criança.

Considerações Finais

Considerando o valor e a significância tanto do sistema literário quanto do educacional ao desenvolvimento da criança, e o auxílio empregado na busca incessante da criança em atribuir sentidos para a vida, o maior desafio, portanto, desses dois campos é a manifestação qualitativa das intenções artística e educativa numa proposta educacional única.

Diante do exposto, portanto, numa tentativa de finalizar o impasse sobre a pertença da Literatura Infantil nesses dois



sistemas (educacional ou literário), pode-se concluir que como objeto que provoca emoções, dá prazer, diverte e, acima de tudo, “[...] modifica a consciência de mundo do leitor, a literatura infantil é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia” (COELHO, 2000, p. 46).

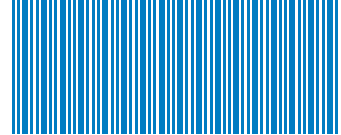
Afirmar como essa embasa o argumento de que poderia se pensar na substituição do *ou* pelo *e*, no questionamento sobre a quem pertence o gênero, o que daria a liberdade de classificá-la (conforme o imenso desejo de classificação) como pertencente à Literatura E à Educação. Haja vista que ela é foco tanto de uma quanto da outra – ainda que sob perspectivas específicas, mas que se complementam.

Mesmo elevada ao patamar artístico, a literatura infantil pode conquistar seu espaço dentro do universo educacional sem deixar de ser literatura, desde que o trabalho didático confira a ela o status de arte literária antes de reduzi-la a suporte pedagógico, sobrepondo o didático ao estético-literário, como afirmam Palo e Oliveira (2006):

À função utilitário-pedagógica só resta um caminho, que a leve ao verdadeiro diálogo com o ser literário infantil: propor-se enquanto proto-pedagogia ou quase-pedagogia, primeira e nascente, capaz de rever-se em sua estratificação de código dominador do ser literário infantil, para, ao recebê-lo em seu corpo, banhar-se também na qualidade sensível desse ser com o qual deve estar em harmônica convivência (p. 14).

Assim, da convivência pacífica e satisfatória entre literatura e educação, saem em vantagem o sistema literário, o sistema educacional e, sobretudo, a criança leitora, que encontra livre fluxo entre ambos os campos a oferecerem recursos que a auxiliarão na construção de sua subjetividade e na atribuição de significados para o real, na busca pelo autoconhecimento.

Através de uma proposta literário-educacional consistente, a criança de hoje se reconhecerá, não apenas no adulto de amanhã, mas no indivíduo constituinte da história da humanidade, capaz de agir culturalmente, transformando a sociedade e se transformando mutuamente, porque dotado de uma consciência de mundo.



REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Mônica Correia. *A Linguagem Escrita e o Direito à Educação na Primeira Infância*. Disponível em <www.portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task>. Acesso em jun. 2011.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CECCANTINI, João Luís C. T. Perspectivas de Pesquisa em Literatura Infantojuvenil. In: _____. (org.) *Leitura e Literatura Infantojuvenil: Memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004, p. 19-36.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Moderna, 2010.

GONÇALVES, Magaly Trindade; AQUINO, Zélia Thomaz de; SILVA, Zina Bellodi. A Ideologia na Literatura Infantil. In: _____. *Estudos de Literatura Infantil: teoria e prática*. Jaboticabal: Funep, 2000, p. 15-33.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

OLIVEIRA, Maria Rosa D.; PALO, Maria José. *Literatura Infantil: voz de criança*. São Paulo: Ática, 2006.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na escola*. São Paulo: Global, 1981.

Recebido em: 11/07/2013

Aprovado em: 15/09/2013

